

Brasil quer diversificar vendas para os EUA

Com provável redução da demanda, o objetivo da Secretaria de Comércio Exterior é buscar brechas para manter o ritmo dos desembarques brasileiros em solo americano

Simone Cavalcanti

scavalcanti@brasileconomico.com.br

Sob a perspectiva de pelo menos dois anos de atividade econômica enfraquecida, os Estados Unidos — principal parceiro comercial em compras de manufaturados do Brasil — devem reduzir suas importações do mundo. Para não ser tão afetado pela conjuntura, o governo brasileiro quer aplicar a estratégia da diversificação nas vendas para aquele país. A ação, que até pouco tempo era feita apenas para encontrar novos mercados e reduzir a dependência das economias desenvolvidas, será intensificada para encontrar demanda para um leque maior de produtos.

Segundo a secretária de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic), Tatiana dos Prazeres, o objetivo é elevar a participação de itens de maior valor agregado nos embarques rumo à América do Norte. “Apesar de o Brasil ter expandido significativamente suas exportações nos últimos anos para mercados emergentes, é inegável a importância dos Estados Unidos no comércio mundial, tanto pelo tamanho do seu mercado, quanto pela variedade dos produtos consumidos”.

Afinal, em termos financeiros, o parceiro comercial é o primeiro como origem das nossas importações e, até o início de 2009, também figurava na liderança como destino das exportações brasileiras. Mas com o aumento contínuo da demanda e do preço da cotação das commodities, a China passou a ocupar o topo do ranking.

A diferença entre o país asiático e os Estados Unidos é que, enquanto as vendas para o primei-

Igo Estrela



Tatiana Prazeres
Secretária de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento

“Neste momento, oito técnicos estão em Washington para tratar dos desafios da defesa comercial e discutir metodologias de investigação de práticas comerciais”

Produtos como peças para a fabricação de tratores estão entre os mais vendidos pelo Brasil ao mercado americano



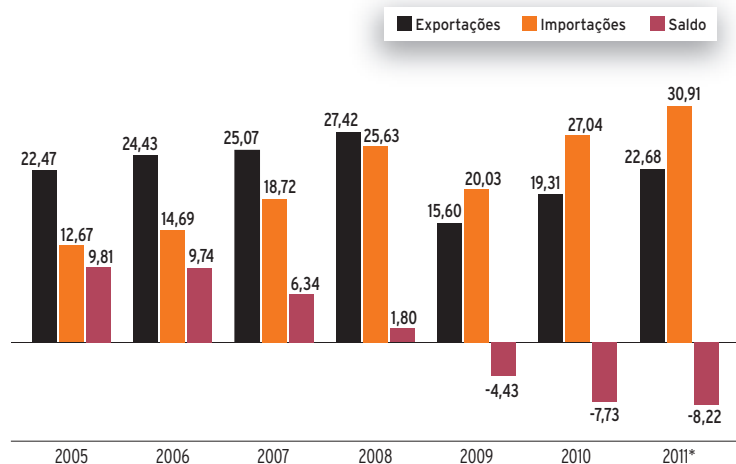
ro são de produtos básicos — como minério de ferro, soja e outros produtos agrícolas —, para o segundo vão os bens mais elaborados e, por isso, de maior valor agregado, como máquinas e equipamentos.

Atualmente em torno de 65% dos embarques do Brasil aos Estados Unidos são produtos industrializados. Isso faz com que seja o primeiro comprador de manufaturados, à frente da Argentina, que também é uma grande compradora de bens industriais.

De acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento, no primeiro semestre deste ano houve aumento de 216% das exportações brasileiras de máquinas e equipamentos de terraplenagem para aquele país. Outros produtos também tiveram crescimento expressivo, especial-

COMÉRCIO BRASIL X EUA

Nos últimos 3 anos, a balança passou a deficitária para o Brasil, em US\$ bilhões



Fontes: Secex e Brasil Econômico * 12 meses até julho



País depende menos, mas teme efeito sobre bens industrializados

Igo Estrela

Para analistas, saldo da balança seguirá positivo apenas se China mantiver o ritmo de compras

O Brasil não é mais tão dependente do mercado americano como foi há uma década. Atualmente, os Estados Unidos compram 9% do total das exportações brasileiras. Esse percentual já chegou a 26% no final dos anos 1990. Por isso, o efeito sobre a balança comercial, de uma forma geral, não deverá ser tão forte. O baque só virá se os outros importadores, em especial os asiáticos, não seguirem comprando.

“Se a queda das vendas para os americanos for compensada com os mercados emergentes, o Brasil segura bem a balança”, diz Welber Barral, consultor sênior da Barral M Jorge Consultores Associados. O problema é que afeta muito os produtos elaborados”, ressaltou.

Com base na experiência recente que teve à frente da secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Barral afirma que esse tipo de exportação deve sofrer um novo revés após ter se recuperado da turbulência de 2008. “Isso é ruim não só para o Brasil, mas para todo o mundo. Não interessa a ninguém que a economia americana esteja passando por isso”, disse. “Há uma tendência de queda nas nossas vendas de bens de consumo e de alguns bens acabados, como aeronaves”, afirmou.

O consultor aponta dois motivos para sua análise: a redução da demanda, movimento natural por conta do crescimento anêmico dos Estados Unidos e pelo encarecimento e diminuição das linhas de crédito internacionais. Com o aumento do risco rondando as economias mais maduras, o crédito se torna mais restritivo e isso tem efeito sobre a comercialização de bens de consumo e produtos mais caros. “A compra de aviões é muito sensível à oferta de crédito no mercado internacional”, afirma, lembrando que, no início dos anos 2000 esse bem figurava entre os principais produtos vendidos pelo Brasil aos americanos.



Barral: redução das linhas de crédito internacionais podem afetar o comércio brasileiro

Concorrência

Além dos fatores ligados à desaceleração da economia americana, que podem arrefecer os embarques brasileiros de produtos industrializados, o professor de economia Márcio Salvato, do Ibmec, chama a atenção para o fato de que a China concorre com o Brasil na oferta de bens com maior valor agregado visando também o mercado americano. “Mas nós não temos a competitividade que eles têm e nem mesmo uma competitividade natural para esses produtos.”

Segundo Barral, os ganhos de produtividade que deixariam os produtos industrializados brasileiros mais atrativos para os parceiros comerciais foram corroídos pelo movimento contínuo de desvalorização do dólar e de apreciação do real. “E então vamos perdendo a cada dia mercado americano para os chineses.” ■ S.C.

mente semimanufaturados de ferro e aço, além de peças e partes para automóveis e tratores.

No mesmo período, as trocas comerciais (somando embarques e desembarques) entre os dois países cresceram cerca de 30% o que, na avaliação de Tatiana Prazeres, é um ritmo muito significativo para uma economia madura como a americana. Mas, apesar do crescimento, a relação comercial ainda não retornou aos níveis do pré-crise de 2008 (leia mais ao lado).

Internacionalização

Segundo Tatiana, nos últimos anos, constata-se também um movimento importante de internacionalização de empresas brasileiras via mercado americano. “Há investimentos importantes do Brasil nos Estados Unidos na

área siderúrgica, de carnes e de produtos têxteis, por exemplo. A intensificação das relações brasileiras com os Estados Unidos, assim, não se opera apenas via comércio, mas também pelos investimentos”, afirma.

Ela lembra ainda que, no âmbito do diálogo entre governos, o Mdic coopera com o Departamento de Comércio americano em temas fundamentais para o Brasil hoje, como defesa comercial, propriedade intelectual, metrologia e serviços. “Neste momento, oito técnicos do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior estão em Washington em intercâmbio com os americanos para tratar dos desafios da defesa comercial, discutir metodologias de investigação de práticas desleais de comércio e maior eficácia das ações defensivas.” ■

Anúncio